

## Sem nome, sem livro, sem lenço e sem documento: o jovem Drummond em Belo Horizonte

Prof. Dr. Roberto Said<sup>1</sup> (UFMG)

### Resumo:

*Carlos Drummond de Andrade viveu em Belo Horizonte, entre idas e vindas, aproximadamente quinze anos. O período revela-se decisivo em sua trajetória, pois abarca não somente sua formação artística e literária, como também suas primeiras incursões no campo intelectual. Trata-se, sobretudo, da primeira experiência do escritor com as tramas políticas e culturais do mundo moderno, inscritas paradoxalmente nas configurações urbanísticas e sociais da então recém construída capital mineira. Ao longo dos anos de 1920, ele produziu extenso e heterogêneo conjunto de textos formado por crônicas, poemas em prosa e em verso, resenhas e ensaios de crítica literária, artigos sobre o cinema, crônicas e aforismos. Este estudo pretende analisar a história descontínua dessa experiência autoral, a fim de identificar os agenciamentos estéticos, políticos e culturais que a condicionam. Trata-se de estudar a travessia da primeira poesia drummondiana em seu vir-a-ser moderno.*

**Palavras-chave:** Arquivo, Carlos Drummond de Andrade, autoria, identidade e modernidade.

### Introdução

Início com um poema de Drummond de 1922, ainda inédito em livro :

Um poeta

O poeta leu, ainda uma vez, o mais doloroso dos seus cantos, aquele em que num misto de vibração e desconsolo, circulava o seu sangue e floriavam os seus cabelos nevados. Achou-o frio, imaterial. E sentiu a angústia de um pai que não se revê no seu filho... Horrorizado, rasgou o poema em bocadinhos. E ajoelhou-se para apanhá-los. Pegou-os todos e num gesto humano e religioso foi guardar os destroços de sua obra...

Ao longo dos anos de 1920, o jovem Drummond vivia às voltas com a literatura. Ocupava a maior parte de seus dias mergulhado “no reino das palavras”, lendo ou escrevendo, obstinadamente. Em seus estudos, embaralhavam-se autores novos e antigos, nacionais e estrangeiros, sobretudo os de língua francesa, consumidos em tardia e sobreposta sintonia temporal. Imagino-o em longas jornadas diante da folha em branco, no ato de criação de “seus cantos”, com sua pena à espera ou em exercício incerto, a deslizar insegura sobre a superfície lisa do papel, oscilando entre a “vibração” e o “desconsolo”.

Inserido no círculo de imensidade delineado pela escrita literária, no qual o espaço não se fecha e o tempo não passa, não se dissipa, ou melhor, não deixa de ser presente, Carlos devia, ele, imaginar-se diante de uma tarefa interminável. Mas, ainda assim, consumia-se em seu angustiado ofício. Afora o vaivém de folhas amassadas e picotadas na lixeira, destroços recompostos diariamente, como se lê no poema em epígrafe, Drummond produziu, no curso desses anos vividos em Belo Horizonte, uma extensa e heterogênea série textual, formada por crônicas, poemas em prosa e em verso, resenhas e ensaios de crítica literária, artigos sobre o cinema e aforismos, os quais foram veiculados em jornais e revistas do período.

O filho de fazendeiro encontrou na urbanidade da capital mineira as condições favoráveis para exercer suas aptidões com a palavra, já manifestadas desde muito cedo em sua vida. O meio propiciava-lhe, ainda que de modo canhestro, fontes de leitura e interlocução. A família, por sua vez, patrocinava-lhe uma juventude relativamente independente e ociosa. Mas, talvez, o que realmente o arrastasse até à escrita fosse o desejo de saber que lhe pulsava internamente. Desejo moderno e totalizante de abraçar o mundo através dos livros, desejo pelo saber que advém da literatura – saber travado no contato com as imagens, saber particular que vem de onde não se espera.

## **1. Um escritor sem uma obra**

Essa extensa produção dos anos de juventude não foi, no entanto, publicada em livro, não alcançou a forma gloriosa e fetichizada da obra impressa. Parte de seus textos figuraram, é verdade, em periódicos, porém isoladamente, dispersos, sem atingirem a força de apresentação e morada com a qual um livro parece guardar os traços de um pensamento e de uma escrita.

Na conta dessa produção inicial o registro de alguns livros irrealizados, que chegaram a ser organizados e anunciados pelo autor, mas que, contudo, não alcançaram o prelo.<sup>1</sup> Todas as reuniões e seleções de textos, cuidadosamente organizadas e preparadas pelo rapaz no curso da década, malograram. Eram extraviadas nas mãos de amigos e de editores ou consumidas em tratos não efetivados, em acordos desfeitos. O fato é que foram perdidas. A primeira delas, *Teia de aranha*, reunião de pequenos textos e poemas-em-prosa, foi enviada à Livraria Leite Ribeiro, por intermédio de Ronald de Carvalho, mas não vingou. Lincoln de Souza, amigo e ex-companheiro de quarto de Drummond, também tentou, antes do material ser definitivamente extraviado, arranjar-lhe um editor no Rio de Janeiro, sem contudo obter sucesso.

*Poemas da triste alegria*, a segunda coletânea, cuidadosamente datilografada e encadernada por Dolores, àquela altura noiva do promissor poeta, foi entregue a Rodrigo Melo Franco de Andrade, que o emprestou a alguém e não mais o viu. Há ainda a referência ao livro *Preguiça*, igualmente desaparecido. E, ainda, *Minha terra tem palmeiras*, organizado por Drummond durante seu retiro em Itabira, em 1926, e enviado a Mário de Andrade em caderno copiado à mão, também permaneceu inédito, embora muitos dos poemas ali registrados viessem a público com *Alguma poesia*, em 1930. Por fim, têm-se o registro de um último projeto antes da estréia oficial, contendo novos poemas, anunciado em carta de 1928 enviada a Mário de Andrade, intitulado *Pipiripau*.<sup>2</sup>

Curioso é que, embora Drummond vivesse absorvido pela experiência literária, tomado verdadeiramente pela exigência da escrita, ele não parecia mover grandes esforços para driblar os obstáculos relativos à publicação que se colocavam em seu caminho. Como se visse nas derrotas parciais de seus projetos editoriais um presságio negativo, como se o acaso se apresentasse como uma lixeira natural e intransponível, como se seus textos não merecessem ainda o estatuto de uma obra. Resignado, diante dos sucessivos entraves, ele adiava a idéia da publicação, descartava-a ou simplesmente optava por seguir adiante, lançando-se em novos escritos, vislumbrando projetos outros. Como se algo o empurrasse para frente, de modo que, ao longo de todo um decênio, havia sempre um “livro por vir”, uma tarefa inacabada, um horizonte entrevisto, mas logo perdido.<sup>3</sup> O

<sup>1</sup> As obras organizadas e anunciadas por Drummond nos anos de 1920, mas que, no entanto não foram publicadas: *Teia de aranha*, reunião de pequenos textos e poemas-em-prosa; *Poemas da triste alegria* (1922); *Preguiça*, *Minha terra tem palmeiras* (1926), organizado por Drummond durante seu retiro em Itabira, em 1926, e enviado a Mário de Andrade em caderno copiado à mão, também permaneceu inédito. Por fim, têm-se o registro de um último projeto antes da estréia, anunciado em carta enviada a Mário de Andrade, intitulado *Pipiripau* (1928).

<sup>2</sup> Carlos & Mário, 2002.

<sup>3</sup> Encontram-se em anexo nesta tese, poemas, resenhas, artigos e aforismos produzidos por Drummond nos anos de 1920 e que ainda não foram publicados em livro.

círculo permanecia, assim, sempre aberto, como se o jovem empreendesse uma busca inatingível ou interminável: “essa poesia interior, que não se realiza, tem qualquer coisa de grave e trágico”, como ele tentava justificar-se ao amigo Mário de Andrade.<sup>4</sup>

Ao longo do decênio de 1920, o jovem Carlos, não obstante sua intensa produção literária, poderia ser considerado um escritor sem sua obra, como diria Maurice Blanchot, “um autor sem livro”, mas que já se encontraria “na pura dependência da arte”.<sup>5</sup>

Grave e trágica, sua travessia não se realizava plenamente, como se as palavras, “ainda úmidas e impregnadas de sono,” realmente se refugiassem na noite, como se sua escrita estivesse menos afeita ao desejo de significar o dado já alcançado que ao de cartografar regiões ainda desconhecidas.<sup>6</sup> Tal como o jovem Goethe, Drummond não devia ver uma chance daquela obra “acabar bem”.

Eram, afinal, projetos para não serem publicados? Livros para não serem lidos? O que estava em jogo nessas promessas sempre adiadas? Quais as verdades que se abrigavam “nesse insensato jogo de escrever”, para valer-me da expressão de Blanchot?<sup>7</sup> A obra desejada e, por vezes, anunciada não estaria ali senão para levá-lo à procura da própria obra e, por esse intermédio, à procura de si mesmo? Em outros termos, o fracasso ou a ausência da obra não seriam a própria condição da escrita?

## **2. Museu da modernidade**

Carlos Drummond de Andrade viveu em Belo Horizonte aproximadamente quinze anos. O período revela-se decisivo em sua trajetória, pois abarca não somente sua formação artística e literária, como também suas primeiras incursões no campo intelectual. Trata-se, sobretudo, da primeira experiência do escritor com as tramas políticas e culturais do mundo moderno, em sua pauta de expansão e diversidade, inscritas paradoxalmente nas configurações urbanísticas e sociais da então recém construída capital mineira. Foi justamente na nova cidade que Drummond conheceu de perto o espetáculo progressista e civilizador da modernidade nacional – em sua versão republicana, a um só tempo inovadora e tardia, libertária e positivista, democrática e autoritária.

Primeira utopia urbanística da nação, Belo Horizonte foi projetada e construída para substituir a antiga sede do Estado, Ouro Preto, que se tornara decadente e inoperante após o esgotamento do ciclo minerador. A nova capital materializava em seu traçado urbano a coalização de forças da nova ordem, com intuito de assegurar no campo simbólico a soberania do Regime Republicano. Embora fosse concebida no papel para ser o espaço exemplar da República, a cidade real conjugava em si uma complexa equação: promessa moderna, rotina moralista, urbanismo inovador, tradição patriarcal e escravista, fricções de diferentes culturas regionais, provincianismo, modernização administrativa, mandonismo local, proliferação de estudantes e faculdades, entre outros elementos, todos eles em paradoxal convivência.

A experiência vivida pelo jovem Carlos em Belo Horizonte submetia-o, portanto, a uma espécie de transição, a uma passagem para estranha e contraditória experiência do social, revolucionária e conservadora. Nas espaçosas ruas da cidade transitavam velhos moradores de Ouro Preto acompanhados por uma população de imigrados do interior do restante do Estado que, seduzidos (ou obrigados) pelas promessas da nova capital, trouxeram consigo hábitos e valores da tradição mineira. Em suas esquinas reuniam-se temporalidades sobrepostas: o tempo do ouro, o do barroco, o do

---

<sup>4</sup> *Carlos & Mário*, 2002, p. 358.

<sup>5</sup> BLANCHOT, 1984, p.63.

<sup>6</sup> ANDRADE, 2002, p. 117: “Procura da poesia”.

<sup>7</sup> BLANCHOT, 1995.

ferro e o da utopia da racionalidade administrativa. Velhos modos transplantados para a nova cidade; uma cidade moderna projetada em papel empoeirado do passado colonial.

Todavia, da margem provinciana, sob a mediação dos jornais que chegavam na central de trem e dos caixotes de livros importados pela Livraria Alves, o jovem intelectual encarnava o desejo de expansão ilimitado da subjetividade moderna, atento às transformações do mundo e da arte. Passando ao largo da feição conservadora e declaradamente partidária dos jornais nos quais publicava seus textos, ele se deslocava com agilidade da notação banal aos debates contemporâneos. Seus comentários abarcavam desde os clássicos da cultura ocidental até as produções mais recentes da literatura brasileira, passando ainda pelas novidades cinematográficas e pelos eventos marcantes do cotidiano e da política, tanto no âmbito interno quanto no externo. Desse verdadeiro bazar textual salta uma lista quase inverossímil de temas, personagens e autores: Oscar Wilde, Marcel Proust, Mussolini, Bergson, Olavo Bilac, Vargas Villa, Goethe, Shakespeare, Dante, David Peña, comunismo, Camilo Castelo Branco, Rimbaud, Anatole France, Carlitos, Hitler, Romain Rolland, fascismo, Baudelaire, Ribeiro Couto, Nietzsche, Machado de Assis, Bataille, Alberto de Oliveira, Alphonsus de Guimaraens, Platão, futurismo, Graça Aranha, Oswald de Andrade, Santo Agostino, Mário de Andrade, Sócrates, Manuel Bandeira, entre muitos outros.

Essa operação de pesquisas e apropriações estéticas empreendida por Drummond ao longo de sua juventude, tecida sob uma complexa e extensa rede de irradiações literárias, parece conferir a ele o estatuto de leitor-colecionador, como parece anunciar um poema do início do decênio de 1920:

Eu tenho um pequeno museu, divertido e complicado, onde vou guardando coisas deliciosas e incríveis, recordações, futilidades... dormem lá, por exemplo, cartas amorosas de rompimento, duas presas de veado, violetas murchas, cinco anéis de cabelos louros, quatro cabelos pretos, um chocalho de cascavel, um leque, muitos retratos, penas de pavão, um autógrafo de José Bonifácio, selos do Egito... E não é tudo. Há também uma unha de chinês, fina e amarela como uma chama de fósforo, duas porcelanas duvidosamente chinesas, um boneco de molas, um porta-seios, moedas do Império... Mas, estou a fazer-lhes um relatório! Para as pessoas que vivem pouco intensamente, isto é, para os que se colocaram à margem, não há nada como um desses minúsculos museus, que alegram e consolam... Quanta coisa não guardam neles! E o que lembram, o que exumam! Vem-nos à memória vozes distantes de mulheres, atrapalhões sentimentais, viagens, aventuras... uma liga de mulher dá sempre saudades... saudades de uma perna e de uma mulher inteira, com as duas pernas. E a gente lembra aqueles seios velados para todo o mundo, e em que nós saciávamos a nossa volúpia... E aqueles cabelos em que uma bendita tesoura cortou uns fios de ouro de treva... Uma cobra na estrada, um leque perdido no camarote, flores que uns dedos finos souberam colher... E até moedas, até o autógrafo revivem alguma coisa, alguma figura... Não há nada como um pequeno museu da vida, nada, nem mesmo a vida.

Um conjunto de recordações e objetos, caseiros ou provindos de longe, recentes ou remotos, aproximando tempos e espaços, rasurando os antigos índices de valoração, é seqüestrado do fluxo da vida para compor o pequeno museu particular do poeta. Díspar por excelência, sua coleção não parece obedecer a princípios racionais de organização ou de penhora. O processo com o qual ele reuniu todas suas quinquilharias é arbitrário e desconcertante, embora, elas, reunidas, se lhe revelem bens preciosos.

O que o leitor e aspirante à poeta parece, de fato, colecionar é a multiplicidade: aí se agrupam coisas materiais e imateriais, leques perdidos, meias femininas, penas de pavão, retratos, moedas do Império e unhas chinesas, como em um inventário absurdo, borgiano *avante la lettre*, através do qual o jovem mineiro parece colocar-se no entrecruzamento de tempos e saberes

distintos. Nesses termos, o museu do sujeito-do-poema parece revelar a poética do sujeito-poeta. Carlos transitava pelos limiares artísticos e discursivos que lhe estavam disponíveis, cumprindo seu ritual de iniciação à modernidade literária. Sua produção é, nesse sentido, múltipla, compondo uma trama conceitual e estética heterogênea, ambígua, a partir da qual se pode constatar seu intenso trabalho de pesquisa e experimentalismo. Toda uma gama discursiva do moderno parece irradiar sua escrita, oferecendo-lhe um amplo espectro de imagens e conceitos.

A obra do jovem Drummond instaura-se, assim, entre o signo da procura e o da coleção. O conjunto de textos produzidos no correr da década de 1920 assemelha-se, de fato, a um museu – museu da modernidade. Nele, vários passados e presentes discursivos entrecruzam-se, sem que possam ser devidamente desenrolados. Elementos de natureza e implicações diversas estão justapostos no fio da procura existencial e estética do sujeito-da-escrita.

Em sua insaciável “fome de leitura”, expressão que dá título a um dos artigos do período, ele revelava não só as fontes e os percursos de sua “inteligência mobilizada à francesa”, para valer-me da expressão de Mário de Andrade, mas também sua enorme capacidade de se manter atualizado, não obstante a poeira avermelhada que pairava sobre as ladeiras da capital mineira. Sua coluna no *Diário de Minas*, “Crônica Social” – na qual os textos literários dividiam espaço com informes sobre “casamentos”, “natalícios”, “óbitos” e “viajantes”, além do “guia dos *habitués*”, dava notícia aos leitores, sempre em primeira mão, das mobilizações iniciais do fascismo, dos lançamentos da literatura européia ou dos “novos” de São Paulo e de outros cantos do país, revelando o esforço do autor para absorver e discriminar os diferentes modernismos emergentes em todos os cantos do país, detidamente avaliados por suas lentes escrutinadoras.

Com efeito, na esteira do próprio jornalismo, essa produção inicial parece atravessada pela pulsão da atualidade, pelo desejo de tocar o elemento contemporâneo, de “marchar ao lado de seu tempo”. Não será, pois, necessário aguardar as proposições e arranjos literários posteriores do poeta de *Sentimento do mundo* (1941) para se definir a posição de “um sujeito preso à vida” a declarar: “o tempo é minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, a vida presente.”<sup>8</sup> Desde então, já se delineava um profícuo diálogo com os preceitos da linguagem jornalística, bem como o desenrolar de uma escrita voltada à manifestação do diverso, da multiplicidade, de modo a anunciar antecipadamente o “desejo de ser explosivo, sem fronteiras”<sup>9</sup> – traço fundamental de toda a sua obra vindoura.

Com sua mirada lúcido-anárquico-giratória, o jovem intelectual entrecruzava os discursos clássicos e modernos, tecendo ensaios híbridos nos quais o comentário estético justapunha-se a tiradas humorísticas, a análises e indagações existenciais. Em meio ao tom irônico, à sagacidade crítica e à erudição precoce que alinhavavam esses textos, verifica-se ainda um agudo acento reflexivo, com ares de inquirição filosófica. Pois, não raro, os debates passavam das inquietudes estéticas para as vivenciais, embaralhando-as no mesmo exercício de linguagem.

### **3. O autor sem um nome**

Pode-se dizer que os primeiros textos de Drummond apresentam-se dobrados ou, a bem dizer, localizados nos espaços de atuação de um sujeito histórico em processo de subjetivação. O pluralismo e a hibridez de sua produção-coleção traduziam, de certa maneira, os conflitos de uma subjetividade em construção, de um *eu* em busca de si mesmo. Sujeito e escrita revelam-se em tensa sintonia experimentadora. O trajeto por eles percorrido revela-se repleto de oscilações e ambigüidades.

---

<sup>8</sup> ANDRADE, 2002, p. 80: “Mãos dadas”.

<sup>9</sup> ANDRADE, 2002, p. 115-116: “Consideração do poema”.

Perspectivas entre meus dedos  
e eu atrás de tudo sem me encontrar. (ANDRADE, 1926.)

Nesse sentido, é interessante observar não apenas a diversidade e a heterogeneidade dos textos drummondianos do período, mas também a do próprio escritor que se multiplicava em pseudônimos e em outras variadas e fragmentadas *personae*, titubeando sempre antes de firmar *um* nome na página escrita tais como C. Drummond, Drummond, Antônio Crispim, Rodrigo Tostes, entre outros.

A fim de se identificar nos diários da capital mineira, ele se valia ainda de uma profusão de iniciais: A., C., D., C.D., A.C., C.D.A., CÊDÊÁ, além de I., L., T., X., Y. como se fosse preciso ser mais de um para se enunciar, como se ele desejasse ser sempre outro. Como se antes, porém, antes de se enunciar, se tratasse de definir o próprio nome ou, talvez, como se se tratasse de perder o nome próprio, nome que é a garantia de um ser e de um saber anteriores – nome que o vinculava a uma tradição e a uma casa das quais era preciso se libertar.

Portanto, esse processo de escolha autoral não diz respeito simplesmente a um suposto e natural amadurecimento autoral; mais que isso, incide sobre as prerrogativas das quais depende todo movimento inicial. A imodesta tarefa exigia-lhe uma estratégia de inserção na emergente e cindida estética moderna, assim como no incipiente campo de trabalho intelectual cujas opções se reduziam à imprensa e ao disputado e comprometedor mercado de cargos públicos. Tornar-se escritor envolvia, assim, não apenas uma identidade literária e discursiva, uma ordem de posicionamentos estéticos diante de uma tradição ainda não assentada, mas também uma identidade intelectual, isto é, a construção de um lugar de enunciação que viabilizasse a construção de uma obra dentro do cenário às avessas da modernidade brasileira.

Foi necessária toda uma década até que ele pudesse, de fato, firmar: Carlos Drummond de Andrade, o nome completo, materno e paterno, estampado na capa do livro de estréia. *Alguma poesia* parece reunir os diversos pedaços que compõem esse nome, as diversas faces do nomeado, embora, paradoxalmente, os poemas ali coligidos apresentem-se despedaçados. As idiossincrasias que compõem as sete faces do sujeito-da-poesia trazem, para além de uma identidade ou de um desconforto singulares, um estado de coisas social: o desajuste estético e existencial do sujeito em seu mundo. Nelas se entrecruzam referências pessoais, da escrita e da cidade, todas em igual perturbação, todas igualmente tortas. É, então, toda uma trama do nome, das heranças, da cidade, do modernismo, toda uma trama genealógica, que está implicada na primeira série de textos elaborada por Drummond. Trata-se de um complexo jogo de escritas e de imagens, no qual discursos de diferentes proveniências encontram-se, separam-se, suplementam-se, unindo e desunindo as linhas que o compõem e as iniciais que o assinam.

## **Conclusão**

O problema colocado nessa fornada inicial de Drummond é, portanto, o da identidade moderna e nacional – identidade literária, sobretudo. Inscrita em uma complexa trama de exercícios, leituras e desleituras, ela assinala a travessia do poeta, em seu vir-a-ser moderno, como se pode ler em outro metapoema do período:

Tenho as mãos banhadas, trêmulas, ziguezagueantes, desejando ainda (desenhos inúteis) um gesto de libertação. (ANDRADE, 4 jul. 1925)

De fato, a pergunta formulada sob múltiplos arranjos textuais, é: Qual é o devir moderno? Como produzir-se artística, intelectual e politicamente como um ser moderno na cena nacional e periférica? Mais especificamente, como experimentar a modernidade, em via estética e vivencial, estando submetido aos empuxos tardios e paradoxais de uma nação apenas rascunhada. Como ser moderno em um mundo enraizado no patriarcalismo colonial? Como escapar da “dança de reflexos”, “das imitações” que até então caracterizavam todos os “nossos grandes movimentos literários, que não passaram de imitações”, questionava-se o jovem e melancólico intelectual.<sup>10</sup> Seria possível delinear uma escrita singular em um país que sempre se revelou, recorrendo à expressão do autor, como “o eterno espelho das eternas imagens do eterno estrangeiro”?<sup>11</sup>

A escrita do jovem intelectual buscava alinhar o eu e o outro, a experiência do mundo e a do local, e, sobretudo, os desvãos existentes entre as opções aí colocadas. Trata-se de um arranjo entre o elemento biográfico, a experiência do local e a do universal que, tramado já no primeiro Drummond, confere-lhe desde então uma posição específica de enunciação, na qual a presença espectral de um *eu*, com seu desejo genealógico, segue acompanhando seu dito e imiscuindo-se nos debates sobre a cultura e a nação modernas.

Nesses termos, os escritos da juventude compõem um agenciamento literário e teórico, que atua como um prolongamento do próprio corpo, tal como uma teia de aranha traçada para captar as vibrações do mundo, para enredá-lo e sorvê-lo, como forma de sobrevivência. Esse texto-teia estende-se por pontos extremos do moderno, das margens ao centro, de uma rua “que começa em Itabira” a “qualquer ponto da terra”, e confunde-se com o próprio ser que nele se sustenta para realizar sua travessia.

## **Referências Bibliográficas**

- [1] ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.
- [2] ANDRADE, Carlos Drummond de. Os condenados, *Diário de Minas*, 30 set. 1922.
- [3] ANDRADE, Carlos Drummond de. Fome de leitura. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 18 de março de 1921.
- [4] ANDRADE, Carlos Drummond de; ANDRADE, Mário de. *Carlos e Mário: correspondência completa entre Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade*. Rio de Janeiro, Bem-Te-Vi, 2002.
- [5] BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Rio de Janeiro, Rocco, 1989.
- [6] BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. Lisboa, Relógio D'água, 1995.

---

## **Autor(es)**

<sup>1</sup> **Roberto Said, Doutor em Literatura Comparada. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)**

---

<sup>10</sup> ANDRADE, Os condenados, *Diário de Minas*, 30 set. 1922.

<sup>11</sup> ANDRADE, Os condenados, *Diário de Minas*, 30 set. 1922.